POSITIVIDADE DE PROFESSORES E SUAS EXPECTATIVAS QUANTO À INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM MICROCEFALIA RELACIONADA AO VÍRUS ZIKA

Juliana da Silva Santos – UESPI¹

Maria Andreia da Nóbrega Marques (Orientadora) – UESPI²

RESUMO

Objetivo: Analisar a positividade dos professores e suas expectativas acerca da inclusão escolar e do processo ensino-aprendizagem das crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika. **Metodologia:** Estudo exploratório transversal, de abordagem quali-quantitativa. A amostra foi constituída por 30 professores da Educação Infantil. Foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: questionário e Escala de Positividade (EP). **Resultados:** A maioria disse não se sentir preparada, por falta de informação, capacitação e preparo; afirma que será um processo difícil; acredita que existirão muitas dificuldades; e demonstra altos níveis de positividade. **Considerações finais:** não foram construídos saberes experienciais dos participantes acerca do trabalho junto aos alunos com microcefalia relacionada ao vírus Zika. Altos níveis de positividade podem contribuir para ações educativas facilitadoras do processo ensino-aprendizagem dessas crianças.

Palavras-Chave: Positividade. Microcefalia. Inclusão Escolar.

SUMMARY

Objective: To analyze teachers positivity and their expectations about school inclusion and teaching-learning process of microcephaly children related to Zika virus. **Methodology:** Cross-sectional exploratory study from quali-quantitative approach. The sample was based on 30 teachers of early childhood education. Two instruments were used for data collection: Questionnaire and positivity Scale (EP). **Results:** Most of them did not feel ready due their lack of information, training and preparation, they claim that it will be a difficult process and there are many difficulties and demonstrates high levels of positivity. **Final considerations:** Were unable to build a experiential knowledge from members about this work with microcephaly students related to Zika virus. High levels of positivity can contribute to educative actions facilitating the teaching-learning process of these children.

Keywords: Positivity. Microcephaly. School inclusion.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Orientanda do PIBIQ - Voluntário da UESPI.

² Pós-doutora e Doutora em Psicologia. Professora Adjunto da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Orientadora do PIBIQ - Voluntário da UESPI. Professora do Centro Universitário Santo Agostinho – UNIFSA. E-mail: mandreiamarques@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Microcefalia refere-se à condição clínica na qual o crânio de determinada criança apresenta-se menor do que os das demais com mesma idade e sexo (BRASIL, 2016). O número de casos de microcefalia no Brasil cresceu a partir de 2015, especialmente no Nordeste. Esse aumento foi relacionado ao vírus Zika, transmitido pelo mosquito *Aedes Aegypti*. Estudos evidenciaram que a exposição intrauterina a esse vírus tem originado comprometimentos e limitações físicas, visuais, auditivas, déficit intelectual, cognitivo e motor. Esses comprometimentos limitam a criança com microcefalia no seu desenvolvimento neuropsicomotor (FLOR *et al.*, 2017).

Segundo o Boletim da 24ª Semana Epidemiológica (PIAUÍ, 2019), desde 2015 até 19 de junho de 2019, no estado, foram 115 casos confirmados de microcefalia e/ou malformações, sugestivos de infecção congênita. Considerando que, em 2015, ocorreram as primeiras confirmações desses casos, têm-se que algumas crianças já possuem idade para inserção escolar, já que, de acordo com a Constituição Federal, art. 208, com redação da Emenda Constitucional 59/2009, a educação básica é obrigatória dos 4 aos 17 anos de idade. Também, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a pré-escola deve ser oferecida às crianças de 4 e 5 anos (BRASIL, 2017). Com a Declaração de Salamanca, o Brasil se posiciona pelo atendimento dos alunos com deficiência preferencialmente em classes comuns das escolas regulares (SAMPAIO; SAMPAIO, 2009).

Nessa direção, levando-se em consideração o papel fundamental do professor no processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência, surgiram as seguintes indagações: o que os professores da Educação Infantil pensam sobre a inclusão escolar das crianças com microcefalia relacionado ao vírus Zika? Quais as perspectivas desses professores em relação às dificuldades e aos facilitadores no processo ensino-aprendizagem com essas crianças?

Batista e Moutinho (2019) apresentaram os resultados de uma investigação acerca dos desafios e das possibilidades da docência voltada a crianças com Síndrome Congênita do Vírus Zika, segundo duas professoras atuantes na Educação Infantil da

rede pública de ensino de Pernambuco que ainda não haviam trabalhado com crianças com esse diagnóstico. Os resultados obtidos apontaram as más condições na estrutura física da escola e a falta de conhecimento das especificidades da Síndrome como fatores que poderão dificultar a inclusão dessas crianças; e que o uso de materiais concretos, coloridos, e de texturas promoveriam situações de inclusão. Os autores do estudo concluíram que, por falta de preparo técnico sobre a Síndrome, as professoras não possuem perspectivas positivas de ações educativas efetivas com as crianças acometidas.

Seibt (2017) analisa o caso de um aluno inserido na Rede Pública Municipal de Ensino de Cascavel, que, na situação do estudo, era o único caso de microcefalia causado pelo Zica vírus no Estado do Paraná. As principais dificuldades relatadas pelas duas professoras dessa criança foram: a falta de profissionais com formação específica para área da Educação Especial, falta de materiais pedagógicos, acessibilidade e recursos avaliativos. Como forma de superar as dificuldades e orientar a ação pedagógica, citam a busca de informações e as formas de avaliar a individualidade de cada aluno. Porém, a autora faz menção que, em relação a recurso e acessibilidade de materiais pedagógicos, texto e referências à microcefalia causada pelo Zica vírus ainda são escassos, o que torna uma grande dificuldade na aplicação das intervenções necessárias aos alunos com essa deficiência.

Concomitante ao surgimento das indagações relativas ao que os professores da Educação Infantil pensam da inclusão e do processo ensino-aprendizagem das crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika, questionou-se também sobre a positividade desses professores. Vem-se observando um crescente interesse acerca das características psicológicas positivas que predis põem os indivíduos a vivenciarem plenamente suas potencialidades, resultando em uma vida exitosa para si e para aqueles com quem se relacionam. Dentre essas características psicológicas, está a positividade, que se refere à disposição do indivíduo para avaliar positivamente os diversos aspectos da vida e vem sendo estudado como um compósito das características psicológicas satisfação de vida, autoestima e otimismo. A positividade

influencia o comportamento e as reações frente aos eventos estressores e à crença que os indivíduos têm acerca do futuro (BORSA; DAMÁSIO; KOLLER, 2016).

Nessa direção, este estudo teve por objetivo analisar a positividade dos professores e suas expectativas acerca da inclusão escolar e do processo ensino-aprendizagem das crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório transversal, de abordagem qualiquantitativa. A amostra foi constituída por 30 professores da Educação Infantil. O critério de inclusão foi ser professor(a) da Educação Infantil em escola da rede pública de ensino em Teresina-PI. Foram utilizados dois instrumentos: questionário e Escala de Positividade (EP). Por meio do questionário, foram coletados os dados referentes à idade, sexo, formação, tempo de docência, experiência junto a alunos com deficiência, pensamentos sobre o processo de inclusão escolar de crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika, expectativas em relação ao processo de ensino-aprendizagem e o que poderia favorecer a prática pedagógica junto a essas crianças.

A Escala de Positividade (EP) é um instrumento de autorrelato, do tipo Likert, composto por oito itens cujas respostas podem variar de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). No Brasil, a EP foi traduzida e adaptada por Borsa, Damásio, Souza e Koller (2016), em uma amostra com 730 indivíduos de 17 a 70 anos ($M = 31,0$ anos; $DP = 11,43$) de 21 estados brasileiros. A análise fatorial exploratória corroborou o estudo original, ao indicar que a EP é composta por um único fator (cargas fatoriais variando de $-0,361$ a $0,877$; $\alpha = 0,86$). A análise fatorial confirmatória apresentou índices de ajuste adequados ao modelo (χ^2 (df) = 113,98 (20), $p < 0,001$; SRMR = 0,065; CFI = 0,95; TLI = 0,93; RMSEA = 0,11 [0,09-0,13]).

O estudo teve início após o projeto ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 60623516.7.0000.5514), em consonância com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. A coleta de dados ocorreu de forma individual em local combinado com cada professora, propício à privacidade e com garantia do sigilo

após as participantes conhecerem os objetivos, aceitarem participar do estudo de forma voluntária e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Às participantes foram garantidos o sigilo das informações fornecidas e sua liberdade para solicitar o desligamento do estudo. Todas as participantes assinaram o TCLE.

Os dados foram analisados quantitativamente por meio do programa SPSS *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 16.0, através de análises estatísticas descritivas. Os dados qualitativos foram analisados segundo a proposta de Gibbs (2009). Para esse autor, os dados qualitativos incluem toda forma de comunicação humana, não ficando restritos apenas a contagens e medidas, sendo codificados de forma aberta, e, para isso, faz-se uma leitura reflexiva dos itens de modo a identificar manifestações relevantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram 30 participantes, todos do sexo feminino e a maioria (56%) entre 28 e 41 anos. No que tange à formação docente, além de possuírem graduação, a maioria (76%) das professoras tinha concluído ou estava cursando uma pós-graduação.

No que se refere à experiência profissional, 10% tinha menos de um ano na docência; 40%, entre 2 e 5 anos; 30%, entre 6 e 11 anos; e 20%, mais de 11 anos. Quanto à prática pedagógica junto ao aluno com deficiência, 16% delas relatou nunca ter tido aluno com deficiência, 30% ter tido experiência com um único aluno com deficiência e 54% ter tido experiência com alguns alunos com deficiência. Nenhuma das professoras trabalhou com criança com microcefalia relacionada ao vírus Zika.

Os resultados obtidos sobre a positividade dessas professoras e suas expectativas acerca da inclusão escolar e do processo de ensino-aprendizagem das crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika estão apresentados e discutidos a seguir, em três categorias: Preparo para Prática Pedagógica com Crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika; Expectativas quanto à Inclusão e ao Processo Ensino-Aprendizagem das Crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika; e Positividade dos Professores.

PREPARO PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA VOLTADA A CRIANÇAS COM MICROCEFALIA RELACIONADA AO VÍRUS ZIKA

Ao serem questionadas quanto aos conhecimentos que possuem sobre a microcefalia relacionada ao vírus Zika, 43% das professoras responderam saber pouco ou nada e 57% respondeu possuir ou estar buscando informações sobre o tema. Quanto às limitações das crianças acometidas por essa síndrome, 50% disse saber pouco ou nada sobre isso, enquanto 50% afirmou ter ou que está buscando informações sobre o assunto. Ao serem questionadas se estão preparadas para trabalhar, no cotidiano de sala de aula, com alunos com microcefalia relacionada ao vírus Zika, a maioria (70%) disse não se sentir preparada por falta de informação, capacitação e preparo.

Esses resultados esclarecerem sobre como as professoras percebem seu preparo para a prática docente na particular situação do ensino a crianças cuja sintomatologia ainda é pouco conhecida no contexto escolar, que é o caso das crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika. Os resultados sugerem que possuir conhecimentos sobre essa deficiência e as limitações associadas não são suficientes para que as professoras se sintam preparadas para a prática pedagógica com essas crianças.

Relevante frisar o relato de insegurança devido a não ter capacitação e preparo para trabalhar em sala de aula com alunos com microcefalia relacionada ao vírus Zika. Esse resultado é semelhante ao do trabalho de Batista e Moutinho (2019), em que as docentes referiram insegurança com relação a como assistir adequadamente a essas crianças, no caso de possuírem múltiplas deficiências, e a como proceder caso venham a ter alguma intercorrência em sala de aula. De acordo com esses autores, é incontestável que há necessidade de investir no preparo técnico dos professores para que possam ter conhecimentos específicos sobre o quadro clínico das crianças com deficiência, mas também que sejam capazes de criar estratégias didáticas que atendam a suas demandas.

Dessa forma, conforme apresenta Seibt (2017), a formação para a docência junto a crianças com deficiência deve envolver múltiplos saberes, assim como para a formação geral de professores. Nessa direção, os saberes experienciais são fundamentais e dependem da prática cotidiana, e os professores participantes deste estudo não haviam tido prática com crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika, portanto, não haviam construído os saberes experienciais para a docência com esse público, o que pode explicar a percepção de não preparo.

EXPECTATIVAS QUANTO À INCLUSÃO E AO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM MICROCEFALIA RELACIONADA AO VÍRUS ZIKA

Sobre as expectativas relacionadas ao processo de inclusão escolar das crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika, a maioria (83%) das professoras afirma que será um processo difícil. Foram referidas expectativas negativas relacionadas ao risco de não haver a inclusão propriamente dita e essas crianças ficarem apenas integradas aos demais alunos devido à falta de estrutura e de planejamento escolar, bem como devido às questões socioculturais. Algumas participantes registraram que pensam que será um transtorno realizar a inclusão dessas crianças, principalmente porque a escola não tem cumprido com seu papel inclusivo de verdade. Afirma uma das professoras sobre a inclusão escolar:

As crianças com deficiência não são incluídas, são apenas integradas em sala de aula, já que não é fornecido a essas os recursos de acordo com sua condição especial, as aulas não são planejadas para inclui-las, ficando, então, a margem de processos de aprendizagem muitas vezes sem nenhum auxiliar de apoio à inclusão e o professor não recebe nenhum apoio de órgãos da Saúde e Educação (L.S.).

Segundo Silva *et al.* (2018), a falta de preparo, de capacitação dos profissionais e de estrutura das escolas são os elementos que dificultam o processo de inclusão escolar. Na fala das participantes deste estudo, foram citadas essas dificuldades, além de outras, como é o caso das questões socioculturais.

Em relação ao que esperam do processo ensino-aprendizagem com essas crianças, 99% das professoras acreditam que existirão muitas dificuldades. Citaram dificuldades relativas às crianças, aos professores e às escolas. Pensam que as crianças terão dificuldades de aprendizagem e de socialização, bem como dificuldades associadas à dinâmica e ao apoio recebido de suas famílias.

No que tange aos professores, acreditam que as dificuldades serão para conhecer as especificidades de cada criança e para trabalhar com o currículo adaptado. Sobre isso, acrescentam que essas dificuldades estarão associadas à falta de conhecimentos, capacitações e recursos materiais disponíveis para o trabalho com as crianças. Também, como possíveis dificuldades, falam da insegurança dos docentes, devido à falha na formação, e da falta de paciência desses profissionais.

A ausência de psicopedagogo, de currículo adaptado, de adaptação das salas de aula, de apoio ao professor e de suporte pelos órgãos da Saúde e da Educação, acrescida do número grande de crianças por sala, foram apontadas como dificuldades prováveis da escola que poderão impactar negativamente no processo ensino-aprendizagem das crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika. Conforme asseveram Villachan-Lyra e Almeida (2018), a inclusão dessas crianças constitui um desafio, também, devido à necessidade de adequações na infraestrutura das escolas para que se tornem acessíveis a essas crianças.

As participantes foram, então, questionadas quanto ao que pensam que favoreceria sua prática pedagógica junto a essas crianças e citaram: adaptação da estrutura escolar e dos recursos didáticos, diminuição do número de crianças por turma, investimento em formação inicial e contínua dos professores e demais profissionais da escola, disponibilização de profissional que acompanhe a criança em sala de aula, efetivação das políticas públicas e da parceria entre família e escola.

Sobre o que facilita o processo de ensino-aprendizagem dessas crianças, Batista e Moutinho (2019, p. 6) dizem que um sistema educacional só pode ser considerado inclusivo quando “[...] reconhece que todas as crianças podem aprender, e para isso, é necessário que haja estrutura física adaptada, profissionais habilitados e metodologias de ensino que sejam capazes de atender as especificidades individuais”.

Mesmo percebendo a inclusão escolar de crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika como um desafio e havendo expectativas negativas em relação ao processo de ensino-aprendizagem nesse contexto, há, por parte das professoras deste estudo, o reconhecimento de que a inclusão dessas crianças na escola irá prepará-las para conviver na sociedade e favorecer o desenvolvimento de suas potencialidades, como concorda uma das professoras: “[...] é complicado receber uma criança assim em uma sala regular, pois necessita de metodologias diferenciadas, mas acho que seria um processo valioso de muita sabedoria e aprendizado” (P.B.). Nessa direção, Batista e Moutinho (2019) acrescentam que a inclusão escolar dessas crianças é uma oportunidade para a criação de novas situações de aprendizagem que venham a contribuir para o desenvolvimento de todos os alunos.

POSITIVIDADE DOS PROFESSORES

O professor é essencial no processo inclusivo, exercendo a função de mediador, e estará presente no cotidiano da criança com deficiência na escola, contribuindo para seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo. Contudo, sabe-se que as emoções podem afetar o trabalho, positiva ou negativamente. As participantes ressaltaram a expectativa de dificuldades na inclusão e no processo ensino-aprendizagem das crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika, e que, devido a isso, sentem-se muitas vezes desmotivadas:

Seria ideal se tivéssemos um ambiente preparado para desenvolver habilidades motoras e cognitivas das crianças, mas não temos nem ao menos profissionais preparados nem valorizados, não recebemos apoio de nenhum órgão, nem da educação nem da Saúde, é muito complicado e desmotivador, o que recebemos são muitas cobranças (Y.P.).

Segundo Farsen *et al.* (2018), qualidade de vida, bem-estar e felicidade no trabalho englobam aspectos diversos como motivação, satisfação e condições de trabalho, e isso afeta diretamente a produtividade do trabalhador na humanização do seu trabalho e a forma de encarar os desafios. Emoções positivas no trabalho estão aliadas à percepção de que o ser humano expressa e desenvolve potenciais e

competências, avançando no alcance de seus propósitos de vida, em aspectos afetivos e cognitivos. Estudos têm apontado que pessoas felizes em seus trabalhos possuem alto estado psicológico positivo.

Certamente, as emoções positivas, como esperança, alegria e otimismo, são fundamentais para fortalecer os recursos intelectuais, sociais e físicos; então, o cultivo das emoções positivas promove uma disposição mental expansiva, tolerante e criativa, deixando as pessoas abertas a novas ideias e experiências. (ALBUQUERQUE, 2017, p. 9).

Os resultados da Escala de Positividade (EP) mostraram que 86% das professoras sentem-se satisfeitas consigo mesma e percebem que têm muitas coisas para se orgulhar, 83% sente confiança em si mesmo e vê o futuro com esperança e entusiasmo, 70% tem confiança no futuro, 63% tem satisfação com a vida e percebe que pode contar com outras pessoas e 36% acha que o futuro parece incerto. Esses resultados descrevem a positividade da amostra, ou seja, a capacidade de avaliar, de forma positiva, a vida, o futuro e a si mesmo. Considerando as porcentagens identificadas, pode-se perceber altos níveis de positividade entre as professoras, que podem contribuir para ações educativas facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem das crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de algumas professoras manifestarem dificuldade para responder ao questionário, justificando não possuir conhecimento sobre o assunto, a maioria afirma saber sobre microcefalia relacionada ao vírus Zika e suas consequências, contudo, esses conhecimentos não incluem evidências científicas sobre o impacto da patologia no processo educacional das crianças acometidas. Sabe-se que os casos de microcefalia relacionada ao vírus Zika ocorreram a partir de 2015 e, portanto, devido à idade, é esperado que essas crianças ainda estejam iniciando seu percurso escolar. Desse modo, são raras as informações científicas publicadas sobre a inclusão educacional e o processo de ensino-aprendizagem dessas crianças.

É possível, então, compreender que os conhecimentos que as participantes possuem não são suficientes para que se sintam preparadas para trabalhar junto às crianças com essa deficiência. Os resultados trazem o imaginário de uma situação inédita e temida e, nesse contexto, ainda não foram construídos seus saberes experienciais acerca do trabalho junto a esses alunos. Todavia, foram identificados altos níveis de positividade entre as professoras. Considerando que positividade influencia o modo de reagir, infere-se que essa característica da amostra pode contribuir para ações educativas facilitadoras ao processo ensino-aprendizagem das crianças com microcefalia relacionada ao vírus Zika.

As expectativas quanto à inclusão e ao processo ensino-aprendizagem dessas crianças, em sua maioria, foram negativas, contudo, foram relacionadas a diversos aspectos, e não apenas à sua formação. Questões relativas às dificuldades das crianças, da família, da escola e de políticas públicas também foram mencionadas e merecem estudos, discussões e efetivação de ações pelos envolvidos. Nessa direção, é necessário que órgãos da Saúde e da Educação se unam para gerar discussões sobre essa temática e fornecer capacitação aos professores e demais profissionais da Educação. Também é importante pensar em políticas educacionais que possam beneficiar essas crianças e suas famílias, não somente nesta etapa da educação básica, favorecer um currículo adaptado que possa atender às especificidades de cada aluno, e, assim, contribuir com seu desenvolvimento integral.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, R. N. Psicologia Positiva na Escola. *Revista Construir Notícias*, ano 17, v. 97, nov./dez. 2017.

BATISTA, G. de M.; MOUTINHO, A. K. Desafios e possibilidades da inclusão escolar de crianças com a Síndrome Congênita do Vírus Zika: o olhar docente. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, p. e68, p. 1-22. 2019. ISSN 1984-686X. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/36360>. Acesso em: 18 jul. 2019.

BORSA, J. C.; DAMASIO, B. F.; SOUZA, D. S.; KOLLER, S. H. Escala de Positividade (EP): Novas Evidências de Validade no Contexto Brasileiro. *Psico-USF*, Itatiba, v. 21, n. 1, p.

1-12. 2016. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712016000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 8 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à saúde. *Diretrizes de Estimulação Precoce: crianças de zero a 3 anos com Atraso no desenvolvimento neuropsicomotor decorrente de microcefalia*. Brasília: 2016.

FARSEN, T. C. *et al.* Qualidade de vida, bem-estar-estar e Felicidade no Trabalho: sinônimos ou conceitos que se diferenciam? *Revista Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 22, abr. 2018.

FLOR, V. *et al.* Desenvolvimento neuropsicomotor em crianças com microcefalia associado ao Zika Vírus. *Revista Pesquisa em Fisioterapia*, Bahia, v. 3, n. 7, p. 313-318, ago. 2017. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/fisioterapia/article/view/1386>. Acesso em: 20 mar. 2018.

GIBBS, G. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SAMPAIO, C. T.; SAMPAIO, S. M. R. Convivendo com a Diversidade: a inclusão escolar da criança com deficiência intelectual. In: DÍAZ, F. *et al.* (Org.). *Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 71-78.

PIAUÍ. Secretaria de Estado da Saúde do Piauí. Portal da Saúde. *Boletim da 24ª Semana Epidemiológica* - 2019. Disponível em: <http://www.saude.pi.gov.br/>. Acesso em: 08 jul. 2019.

SEIBT, M. T. da S. Educação Especial e Inclusiva, um Novo Desafio Escolar: Microcefalia. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Edição 9, Ano 2, v. 1, p 130-147. 2017. ISSN:2448-0959

SILVA, A. F. P. *et al.* A educação especial em uma escola municipal de Recife-PE. In: ATENA EDITORA. (Org.). *Políticas públicas na educação brasileira: caminhos para a inclusão*. Ponta Grossa-PR: Atena Editora, 2018. p. 29-36.

VILLACHAN-LYRA, P.; ALMEIDA, E. Síndrome congênita do zika vírus, microcefalia e outras alterações do neurodesenvolvimento: um olhar para a educação. *Revista Inclusiones*, [S.l.], v. 5, n, 4, p. 77-103, out./dez. 2018.